

OS TRÊS HOMENS E O BOI

*Patricia Nascimento de Souza**

“Toda pessoa, sem dúvida é um exemplar único, um acontecimento que não se repete. Mas poucas pessoas, talvez nenhuma, lembravam essa verdade com tamanha força como João Guimarães Rosa.” (Paulo Rónai).

O ambiente rural brasileiro vem, há muito tempo, fornecendo matéria – prima para a literatura. No Romantismo com José de Alencar, Visconde de Taunay, Bernardo Guimarães e outros produziram narrativas em que o homem e o espaço sertanejos são idealizados em oposição ao homem e ao espaço da corte.

Depois, durante o Realismo/Naturalismo, escritores debruçaram-se sobre o sertão, agora para revelar aspectos ignorados pelos românticos.

No Pré-Modernismo, a realidade rural – com seus valores próprios, diferentes dos valores da cidade – transformou-se em matéria literária para vários autores, dentre eles Euclides da Cunha, Simão Lopes Neto e outros.

O surgimento do romance no Nordeste porém, dá-se na década de 30 com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e principalmente Graciliano Ramos.

Guimarães Rosa retoma e modifica radicalmente a temática regionalista com a publicação de um livro de contos voltados para o ambiente rural brasileiro, **Sagarana** (1946). Nas obras seguintes, o sertão ainda é fonte da linguagem e da temática. No entanto, o sertão que aparece em Guimarães Rosa não vai mais limitar-se aos aspectos geográficos. Dilata seus limites para simbolizar o próprio universo.

Nesse espaço, (sertão-mundo), o sertanejo não é apenas um homem de uma região específica; ele é o Homem, defrontando-se com problemas eternos e universais. A superação dos limites regionais para atingir o universo expressa numa linguagem nova, resultante de pesquisa e do experimentalismo; "Desse salto qualitativo resulta a grande importância da obra de Guimarães Rosa para a literatura brasileira." (FARACO & MOURA, 1991).

Em uma de suas entrevistas Guimarães Rosa afirmou a importância que a multiplicação da existência propicia ao artista, caso claro do que ele fazia através de sua arte – "quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente". A questão do neologismo apresenta-se assim como uma necessidade de desdobramento do artista em suas várias realidades, a vivida e a sentida.

Guimarães Rosa formou-se em Medicina em Belo Horizonte e durante pouco tempo exerceu sua profissão no interior das Minas Gerais (cenário imortalizado em sua obra); após tanto, seu talento para idiomas o impulsionou para a carreira diplomática, servindo em vários países. Em 1963, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, adiando a posse para 1967. Três dias depois de solenemente empossado, Guimarães Rosa morreu, vítima de problemas cardíacos. Contam que Guimarães temia assumir a Academia e falecer em seguida, talvez superstições de um bom mineiro, e por isso adiou

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte

por três anos sua posse, coincidência ou não, após três dias apenas dá-se seu falecimento repentino.

A invenção do boi

O texto escolhido encontra-se no último livro do escritor Guimarães Rosa, *Tutaméia*, publicado poucos meses antes da sua morte. Com o título ampliado dentro do livro para "Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi". No sumário, este título está reduzido em, "os três homens e o boi", não sei explicar o motivo, mas foi aí que me interessei. Dentro do livro o título está ampliado como que para explicar e mesmo dar início à narrativa em que se trata da conversa entre três amigos vaqueiros, que em momento ocioso, em meio à tranqüilidade plena, inventam um boi. O animal sobrevive como mito entre os três.

Falando um pouco de *Tutaméia*, em notas de Paulo Rónai, tentamos entender o título deste livro. No pequeno dicionário da língua portuguesa é encontrado "tuta-e-meia" definida então como "ninharia, quase nada, preço vil, pouco dinheiro". Paulo Rónai conta-nos no prefácio de *Tutaméia* que, em conversa com o autor lhe foi segredado a grande estima que este tinha para com a obra e que esta havia surgido em seu espírito como um todo perfeito. Havendo entre os contos total inter-relação, das mais substanciais, as palavras sendo todas bem medidas e pesadas, postas num exato lugar, não podendo-se assim, suprimir ou alterar mais de duas ou três em todo o livro sem que haja o desequilíbrio do conjunto. Encontramos em *Tutaméia*, descontados quatro prefácios, quarenta "estórias" curtas, de três a cinco páginas, extensão imposta pela revista em que a maioria (ou todas) foram publicadas. Longe de constituir um convite à ligeireza, o tamanho reduzido obrigou o escritor à excessiva concentração - "A unidade dessas narrativas, está na homogeneidade do cenário, das personagens e do estilo. Todas elas se desenrolam diante dos bastidores das grandes estradas, os descampados, as matas, os lugarejos perdidos de Minas cuja imagem se gravara na memória do escritor com relevo extraordinário. Cenários ermos e rústicos, intocados pelo progresso, onde a vida prossegue nos trilhos escavados por uma rotina secular, onde os sentimentos, as reações e as crenças são os de outro tempos." (Paulo Rónai).

Do conto, podemos, citando Massaud Moisés, dizer que, "é uma história completa, fechada como um ovo..., objetivo, plástico, horizontal..., uma narrativa univalente." (MOISÉS, 1928, p.132). O conto "Os três homens e o boi" mostra a vontade do inexistente em se materializar. Apresenta as personagens protagonistas, Jerevo, Nhoé e Jelázio, os três vaqueiros, descritos pelo narrador, " dos mais lustrosos", que são os responsáveis pela invenção do boi. A mulher do Jerevo – também personagem - além de "vadiar com o Jelázio", segundo o Nhoé, troçava, ou seja, achava graça da invenção do marido e dos amigos. É citado também o fazendeiro Queiroz, riquíssimo, que enlouquece, e outros vaqueiros não citados quantos, nem são descritos, que conversam com Nhoé quando este resolve migrar. O autor descreve o Nhoé como um homem até meio triste e a mulher do Jerevo como "ela era de simpatia e singeleza sem beleza", não descrevendo as demais personagens. Personagens fictícios que bem representam os nossos sertanejos, pessoas simples, "profissionais do campo", como vaqueiros e que meio como culto,

inventam um boi que se transforma em mito, que vira personagem vivo e protagonista como os seus criadores, um boi que, como nós, "somos imagem e semelhança do Criador", segundo relato bíblico em Gênesis 1:26. O boi vai ganhando vida e forma e traços, conforme as reminiscências e lembranças, sonhos e fé, de um povo que na e pela terra vive.

Assim flui o enredo de "Os três homens e o boi", do momento do ócio, no descanso da tarde de três amigos. Daí, através das lembranças do tempo da infância de um deles, um boi passa a ser criado, por este e pelos outros que como numa brincadeira de criança vão montando com adjetivos o perfil do boi, e é ele que irá permear todos os outros episódios que acontecem no conto. A narrativa vai se desenrolando em meio a conversas e encontros do dia-a-dia das personagens. A mulher do Jerevo falece. Mais adiante o Jelázio morre e é desfeito o trio. A peste do gado faz com que os dois sobreviventes pensem em migrar, fenômeno conhecido pelo homem do campo, que na época da estiagem procura outras aragens. O sol que queima o sertão é visitado por um eclipse, este era, porém, um fenômeno não muito conhecido entre o povo mais humilde do sertão, que a partir daí teceram suas lendas e credices, atribuíram a loucura e morte do fazendeiro Queiroz - dono da fazenda Pintassilga – à estranha mudança da natureza. Sua fazenda, agora, seria dirigida pelas mulheres que, de luto dariam prosseguimento a tudo, da melhor forma que pudessem, como é comum entre as mulheres sertanejas que perdem seus homens pela morte ou pela procura de novos arados. Jerevo para um lado, Nhoé para o outro em busca do que já havia deixado e perguntando-se: "Que é que faz da velhice um vaqueiro?" e chega a uma fazenda estranha e fica entre vaqueiros ouvindo suas histórias e cantigas, dentre elas a de um boi "façanhiceiro" que é descrito, igual ao boi que fora criado pelos três homens, e diziam que com ele ninguém podia, a não ser três propostos vaqueiros que o dominaram. Ouvindo isso, Nhoé reflete a imensidão do mundo e da vida.

O tempo na narrativa apresenta-se de forma rápida, talvez até pelo gênero, o conto, sugerir isto. Não há uma linearidade lógica e sim a sucessão contínua dos acontecimentos. Os verbos, em sua maioria encontrados no pretérito como, "apreciavam", "quebrou", "encorpou", "disse", "falavam", "precisou", "compôs"... e outros, sugerem-nos um *flashback* contado pelo narrador em terceira pessoa. O tom da oralidade é marcante, é como se ao ler estivessemos vendo a cena narrada, ou como se estivessemos ouvindo a voz do narrador que conta a história e ao mesmo tempo intercala a voz das personagens com suas explicações, e relata o que vai no pensamento das personagens. Também aparece para marcar o tempo nos episódios os períodos do dia, como por exemplo, "Ponha-se que estivessem, à barra do campo, de tarde. " e "Chegou a uma estranha fazenda ao anoitecer..." e também pela expressão do narrador, "Mais para diante,..." no episódio da morte do Jelázio.

O espaço é o sertão, que também é personagem, marcado pela presença da natureza e as mudanças do tempo. Ambientado pela vegetação do campo, ervas como "rasga-gibão", "casca-branca," árvores, o sol forte, as fazendas, os fazendeiros e vaqueiros.

Neste conto houve, de forma explícita, a criação da personagem "Boi". Faremos à seguir o levantamento da ordem de alguns fatores dos elementos que entram nessa construção (com prioridade para os elementos da cultura), visando a "consistência" dessa análise. Procuraremos também associar o texto "O narrador", de Walter Benjamin,

fazendo relações entre os fatores.

Segundo Benjamim "O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta." (BENJAMIM, 1936, p. 204). É assim que se inicia o conto, num momento de tédio, de ócio, de descanso associado ao silêncio do campo, o ambiente rural em sua total tranquilidade havendo o momento propício para que aquela memória involuntária viesse à mente de um dos três vaqueiros e facilmente os outros dois seguissem àquela brincadeira da lembrança e mesmo como criança, foram inventando um boi, boi que ganha vida.

E por que boi e não outro animal? Além do ambiente rural já citado, há a profissão de vaqueiros. Seu ofício é lidar com o gado, fazendo desse animal um ser, a representação do sustento, o animal respeitado como gente. Talvez daí porque não outro bicho.

Criado também na imaginação, ganhado vida no "boca-a-boca" do povo temos a figura do boitatá, um espírito que protege os campos contra os incêndios mas que também, "fiarioso", o touro solta fogo pelas ventas e queima tudo. É também conhecido como Papão. Esta figura do nosso folclore também foi criada assim, da imaginação do povo, como o nosso boi Mongoavo.

Surge o mito, e é mais fácil de percebermos a vida que lhe atribuem neste ambiente em que é descrito o conto em questão, o sertão que com suas peculiaridades é mesmo um mundo. Um mundo onde existe ainda espaço para o imaginário, não havendo tanto acesso às novas tecnologias, sendo os trabalhos mais artesanais, "O grande narrador tem sempre suas origens no povo principalmente nas camadas artesanais "(Benjamim, 1936, p.214), estando as pessoas mais próximas. Há o aparecimento de episódios como este no conto de Guimarães Rosa, "Os três homens e o boi". Então, em poucos anos, aquele boi remanescente torna-se uma verdadeira lenda entre a população local e além, surge um ser folclórico.

A este tipo de ambiente, devido a vários fatores além dos já citados, há o favorecimento também de casos como o do Coronel Queiroz, lembrando que atribuíram a sua loucura ao eclipse que ocorrera coincidentemente na mesma época e se não atribuísem ao eclipse, seria fatalmente a outro fenômeno não explicável para aquele povo. Salientando que as crendices e lendas criadas em sua maioria neste tipo de ambiente, estão sempre relacionadas ao desconhecido, ao imaginário e aos fenômenos naturais que quase sempre são interpretados como aviso do Criador.

Elementos fundamentais como o ócio, o silêncio do campo, a reminiscência, a profissão de vaqueiro, o lidar com o gado, a cultura, o folclore, os mitos e lendas o ambiente rural que envolve tudo isso mais a forte religiosidade, e mesmo o contexto do subdesenvolvimento entram no conjunto de fatores que somatizados e internalizados resultaram na construção dessa personagem, o boi, e apresenta sutilmente a grande personagem, o sertão - espaço rural que contribui para o todo. Ou seja, o universo do conto é o sertão embrutecido e regional, contudo os dramas pessoais dos personagens com seus misticismo e crenças produzem verdades universais acerca dos homens e das coisas, daí a transcendência da obra.

Poderíamos fazer outros levantamentos acerca do texto escolhido. Citaremos algumas outras poucas curiosidades desse texto fantástico. O fato de "com a mulher do Jerevo Jelázio vadiava", no popular seria dito que ela estaria colocando chifres no marido. Chifres que para o boi representa respeito e força, para o homem seria o

contrário. Embora a má suspeita que o texto traz em nada se confirme.

Um fato muito interessante é a forma como o texto se monta, se encaixa. No último parágrafo da página 165 é citado o fato do Coronel Queiroz, da fazenda Pintassilga, fato que só será retomado e compreendido na página 167. Isso e a forma como o tempo é apresentado, dá-nos a idéia de um quebra-cabeças, uma montagem, como o boi que eles montaram na imaginação e a partir dela e que ganhou vida na boca do povo.

Este texto curto e de grande riqueza apresenta ainda o problema do idoso na fala de Nhoé "Que é que faz da velhice um vaqueiro?". A questão da mulher não como fraca, submissa e omissa, mas como a chefe de família que assume tudo na ausência do homem. O machismo desse homem que não quer ser comandado pelo sexo frágil. A força do sertanejo e ainda o êxodo rural e daí levantaríamos outros problemas. Porém, nele vemos a força do narrador, pois é através dele que o boi imaginado tomar-se-á o boi mito, o boi Mongoavo, nascido de chifres dourados ou transparentes, redondo o berro, com a cor de cavalo e que com ele ninguém podia, só três propostos vaqueiros o tinham enfim encarado. Guimarães é um misto dos tipos de narrador, tanto o viajante como o que Benjamim chama de o grande narrador, o que tem suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais.(p.214). Benjamim cita ainda: "Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens."(Benjamim, Walter, 1936, p.215). E é assim que se move Rosa, o narrador.

Sabemos que com o levantamento dos cinco elementos da narrativa, a possibilidade de leitura apresentada e os fatores que tentaram confirmar a criação da personagem "boi", não concluem ou expressam o fechamento deste trabalho mas, visam, principalmente, o exercício da aprendizagem e da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: Benjamim. Walter *et al.* **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril, 1980. P. 57-74. (Os Pensadores).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. Folha de São Paulo, São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

LOPEZ, Telê Porto Ancora. **Mário de Andrade, Ramais e Caminho**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia (Terceiras estórias)**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.